



## CAROLINA MARIA DE JESUS: PATRIARCADO E OPRESSÃO DE GÊNERO EM “PEDAÇOS DA FOME”


### CAROLINA MARIA DE JESUS: PATRIARCHY AND GENDER OPPRESSION IN “PEDAÇOS DA FOME”


[10.29073/naus.v6i2.807](https://doi.org/10.29073/naus.v6i2.807)

RECEÇÃO: 23 de novembro de 2023.

APROVAÇÃO: 28 de novembro de 2023.

PUBLICAÇÃO: 28 de dezembro de 2023.

AUTOR/A 1: Tereza Pantoja , PPGEDUC-UFPA/CUTINS, SEDUC/Pa e SEMED/Cametá, Brasil, [tcvelosopantoja@gmail.com](mailto:tcvelosopantoja@gmail.com).

AUTOR/A 2: Maria Tavares , PPGEDUC-UFPA/CUTINS, Brasil, [lucilena@ufpa.br](mailto:lucilena@ufpa.br).

#### RESUMO

Este artigo tece considerações sobre patriarcado e opressão de gênero observados no único romance, até hoje, publicado de Carolina Maria de Jesus, *Pedaços da Fome* (1963). O intuito é colaborar com a visibilidade da escrita de autoria feminina negra, a partir do reconhecimento da contribuição dessa autora e dessa obra para historiografia literária brasileira. O trabalho se constituiu em uma abordagem qualitativa do tipo bibliográfica e interpretativa, conforme Minayo (2007). Como embasamento, partimos de as proposições de Holanda (2018); Saffioti (2004,2013); Ribeiro (2021); Bourdieu (2007); Lauretis (1994). A obra de Carolina, dentre tantas qualidades, é destaque pela maneira como aborda a realidade, uma literatura instigante para uns e impactante para outros, textos que discorrem sobre a vivência e convivência do ser humano com as mazelas sociais, que traduzem sentimentos avessos. *Pedaços da Fome* (1963), é uma narrativa com profundas questões para debates sobre gênero, raça e classe. Consideramos enfatizar às personagens do coronel Pedro Fagundes (pai da protagonista) e de Paulo Lemes (marido da protagonista) para observar questões do patriarcado e da opressão de gênero, constatando que a protagonista Maria Clara é a figura que mais padece com o autoritarismo e machismo de ambos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Carolina Maria de Jesus; Patriarcado; *Pedaços da Fome*; Opressão de Gênero.

#### ABSTRACT

This article reflects on patriarchy and gender oppression observed in the only novel, to date, published by Carolina Maria de Jesus, *Pedaços da Fome* (1963). The aim is to contribute to the visibility of black female authorship, recognizing the author's and the work's contribution to Brazilian literary historiography. The study adopts a qualitative, bibliographical, and interpretative approach, following Minayo's (2007) methodology. The theoretical framework is based on the propositions of Holanda (2018), Saffioti (2004, 2013), Ribeiro (2021), Bourdieu (2007), and Lauretis (1994). Among its many qualities, Carolina's work stands out for the way it addresses reality—a literature that is thought-provoking for some and impactful for others—texts that delve into human experiences and coexistence with social ills, expressing conflicting emotions. *Pedaços da Fome* (1963) is a narrative with profound implications for discussions on gender, race, and class. The article emphasizes the characters of Colonel Pedro Fagundes (the protagonist's father) and Paulo Lemes (the protagonist's husband) to examine issues of patriarchy and gender oppression, noting that the protagonist, Maria Clara, is the one who suffers the most from the authoritarianism and sexism of both men.

**KEYWORDS:** Carolina Maria de Jesus; Gender Oppression; Patriarchy; *Pedaços da Fome*.



## INTRODUÇÃO

*A escrita de Carolina é pungente, forte, densa, daquelas que incomodam e encantam ao mesmo tempo.*

*(Arruda, 2015, p. 16)*

A afirmação de Aline Arruda (2015) demonstra a potência dos escritos de Carolina Maria de Jesus, corroborando com nosso posicionamento acerca da relevância dessa escrita, que importuna, pois revela a face, da miséria, da fome, da pobreza, da opressão de gênero, raça e classe, e simultaneamente envolve, visto que a literariedade se torna um chamamento para refletir, conscientizar e combater as realidades manifestadas. O valor literário, social e político, de uma voz que se propaga para dar voz a tantas outras “Carolinas” e “Carolinos”, que se veem e se reconhecem na realidade pobre, faminta e oprimida transcrita nas obras dessa escritora.

A historiografia da literatura brasileira, e seu cânone, não deram o devido valor à obra de Carolina, quando esta aflorou, a escritora foi renegada, marginalizada, mesmo quando esteve no auge do lançamento de seu *Bestseller* “*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*”. Embora seu livro tenha sido um sucesso de vendas, sua escrita foi duramente criticada, por Carolina ser quem era, mulher negra, pobre que se tornou favelada, ela era uma afronta e quiseram desqualificar suas qualidades literárias, escrevia sobre si e sua realidade.

De acordo com Raffaella Fernandez (2015), a autobiografia é fundamental nas obras literárias de Carolina, uma vez que a escritora, ao embasar-se em si mesma, reconstrói sua memória e seu cotidiano, e assim transmite e materializa sua escrita. Assim:

*Carolina de Jesus, enquanto escritora constrói-se como uma personagem autodidata, isto é, suas narrativas mostram como ela adquiriu conhecimento sobre as coisas “do mundo da vida” conforme foi sendo absorvida pelas palavras, pela linguagem, pelas leituras, e como ela própria está inserida na linguagem, sentia-se presa à matriz do conhecimento que precisa ser colocado no papel para sanar as perturbadoras, mas esclarecedoras, ideias (Fernandez, 2015, p. 291).*

Carolina sofria diariamente a exclusão social e a violência causada pelo racismo, machismo e sexismo. A participação feminina negra na história literária brasileira foi comprometida, pois mesmo travando muitas lutas, e alcançando alguns destaques importantes, foram vítimas desse processo de invisibilização e silenciamento. Nem todos reconheciam as mulheres como ser de direitos, subjugadas, ignoradas e marginalizadas pela historiografia da nossa literatura escrita por homens, para Michelle Perrot, o homem habituou-se demais a impor silêncio às mulheres (Perrot, 2017, p. 189).

Carolina Maria de Jesus é uma das representantes da luta do feminismo no Brasil, pois busca reverberar sua voz, suas ideias, sua arte, não aceita passivamente o silêncio relegado as mulheres pretas em nosso país em um contexto histórico de ditadura militar.

Nas palavras de Lélia Gonzalez:

*É inegável que o feminismo como teoria e prática vem desempenhando um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, e à medida que, ao apresentar novas perguntas, não somente estimulou a formação de grupos e redes, mas também desenvolveu a busca de uma nova forma de ser mulher. (Gonzalez, 2011, p. 12).*

Carolina Maria de Jesus é a escritora — catadora de papel que revelou ao Brasil e ao mundo a dolorosa realidade da favela, vivenciada, em sua maioria, por uma população pobre, negra, sem teto, sem emprego formal e que vive a



dura realidade da fome, trazendo à lume as mazelas sociais muitas vezes invisibilizadas pelas políticas do Estado. A cinderela negra ficou conhecida por sua escrita autobiográfica, entretanto sua poesia e, sobretudo, sua ficção, ainda pouco conhecida, também são marcadas por dialogar com aspectos da realidade social brasileira, de maneira a provocar reflexões sobre questões de gênero, classe e raça.

A escritora nasceu na cidade de Sacramento, no sudeste de Minas Gerais, em 14 de março de 1914. De família humilde, era neta de escravos, filha de uma lavadeira analfabeta, tinha sete irmãos.

Em 1937, Carolina chega à São Paulo, momento em que a cidade iniciava seu processo de modernização. Com um mínimo de estudo, poucas eram as oportunidades de trabalho para uma mulher como Carolina. Engravidou, o que dificultou ainda mais a sua situação, pois na época não era comum empregar mãe solteira, e ela foi morar na rua.

Em 1948, Adhemar de Barros, governador paulista, e Paulo Lauro, prefeito da cidade de São Paulo, com o discurso populista, e tentando amenizar as mazelas sociais da metrópole em ascensão, passaram a acomodar pessoas em situação de despejo e moradores das ruas da cidade, em um terreno à margem esquerda do rio Tietê. Surgia então, a favela do Canindé, é nesse contexto que Carolina passou a morar na favela, onde, em condições sub-humanas, nasceram seus três filhos, João José (1948), José Carlos (1950) e Vera Eunice (1953).

Para garantir sua sobrevivência e a de seus filhos se tornou catadora de papel, recolhendo tudo aquilo que podia vender e ler. Com o apoio do repórter Audálio Dantas, que conheceu em 1958, seus registros sobre a vida na favela ganharam forma de diário, e um título instigante *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Foi publicado em 1960, sendo um sucesso de venda e de crítica, a qual destacava, sobretudo, a veracidade dos fatos e a denúncia da miséria, da fome, do preconceito, da violência e tantos outros problemas vivenciados no contexto da favela. Com o abandono da mídia e das editoras, o esquecimento e o silenciamento da voz de uma escritora negra, que denunciava as mazelas sociais do Brasil em período de um Regime Militar, a romancista voltou às suas origens de catadora de papel. Carolina Maria de Jesus faleceu em 13 de fevereiro de 1977.

No romance, analisado, a protagonista é uma mulher aristocrata, branca e mimada, Maria Clara, filha de um coronel, que por um acaso do destino, casou-se com um falso dentista, um homem sem dinheiro e sem caráter. Eles vão para a capital paulista viver em um cortiço, e, mais tarde, na rua e, por fim, em uma favela. Sem saída e com seis filhos, ela batalha sozinha para sustentá-los, Maria Clara se vê obrigada a trabalhar como doméstica, lavadeira, costureira, sempre explorada e maltratada pelas patroas. Neste artigo sugerimos observar questões do patriarcado e da opressão de gênero na narrativa de Carolina Maria de Jesus.

#### **PATRIARCADO E OPRESSÃO DE GÊNERO EM *PEDAÇOS DA FOME* (1963): PEDRO FAGUNDES X PAULO LEMES**

O patriarcado, em linhas gerais, é considerado uma prática de dominação onde o gênero masculino se autodeclara superior ao gênero feminino, impondo-lhes uma posição subalterna, inferior e, em sua maioria, violenta. Ao longo da história percebemos que a soberania imposta pelos homens às mulheres influenciou um contexto social de opressão que há muito se perdura na sociedade, com comportamentos pré-estabelecidos e que não devem ser contestados para a “manutenção da ordem” (Saffioti, 2004).

Isto posto, Saffioti (2004) também evidencia que, por estar enraizado nas bases da sociedade, as convicções do patriarcalismo mantêm-se renovadas ao passar dos anos, e são perceptíveis em diversos espaços de convivência social na contemporaneidade. A dominação que a princípio acontecia com regularidade no ambiente familiar, com a modernização se desdobra para o mercado de trabalho. Contudo, é preciso apontar que embora o capitalismo tenha acentuado as ideologias de soberania dos homens às mulheres, essa alienação e violência é anterior a esse sistema



econômico. No contexto de *Pedaços da Fome* (1963), vamos observar os valores patriarcais e da opressão de gênero a partir das personagens do Coronel Pedro Fagundes e de Paulo Lemes.

Nas primeiras linhas do romance, temos a descrição do espaço inicial da trama, uma fazenda no interior de São Paulo, um lugar bucólico de muitos encantos campestres, onde o Coronel Pedro Fagundes:

*Mandou construir uma residência suntuosa. Dava gosto contemplá-la; todos que a viam, exclamavam — “que casa linda! É uma pena construir uma casa tão bonita no campo”. E queriam saber o nome do arquiteto que construiu aquele recanto tão poético. (Jesus, 1963, p. 15)*

A casa dos Fagundes chamava a atenção por ser muito luxuosa para uma propriedade no campo, contudo, a casa pomposa, certamente era uma forma de demarcar território e demonstrar poder, impor respeito, e deixar explicitamente que a família era detentora de grande fortuna.

Coronel Pedro Fagundes, esposo de Dona Virgínia e pai de Maria Clara, tinha orgulho da família, do patrimônio e principalmente da patente do exército, orgulhava-se em ser militar e ter sempre as ordens cumpridas por rodos a sua volta. Um típico pai de família que representa o poder patriarcal da época, uma figura emblemática:

*O Coronel, envaidecido com os elogios, sorria, e sorria, principalmente, quando sentado na cadeira de balanço, fumando um bom charuto, contemplava as pétalas das rosas e as fôlhas desprendidas espalhadas que o vento impelia de um lado para o outro, deixando o ar impregnado de seu perfume. [...] era enérgico e lépido. Era homem de ação. Não conhecia a tibieza, o que iniciava concluía. [...] Estava afastado do Exército, onde prestara inúmeros serviços, e pelos quais foi condecorado com a patente de Coronel: título que prezava e ostentava com orgulho. (Jesus, 1963, p. 15)*

O Coronel era bajulado por todos, empregados, amigos, e até por aqueles que só o conheciam de nome, suas decisões nunca eram questionadas e os pedidos eram ordens. Um homem conservador, íntegro, patrão justo, se considerava bom esposo e pai, um homem de sorte e feliz, envaidecia-se do casamento e da família: Adorava sua esposa, dona Virgínia, e sua filha Maria Clara. Dizia: “O meu lar é o meu tesouro; vinte anos que estou casado e sou deveras feliz”. (Jesus, 1963. p. 16)

Para o Coronel, um casamento duradouro precisa o homem ter maturidade, a mulher para ser boa companheira precisava ser culta, e cabia ao marido conduzi-la por este caminho, a boa esposa por sua vez deveria ser submissa, apaixonada e jamais criticar o esposo, no diálogo que segue é explícita essa ideia.

— *Você ainda gosta de mim?*

— *Ainda não aborreceu-se de minha companhia?*

— *Ainda sente prazer de viver ao meu lado? [...]*

— *Se estou fazendo essa pergunta é porque, em geral, os casais após um certo tempo de casados, começam a encontrar defeitos mútuos; e a pior coisa num casamento é quando um homem percebe e propala que a esposa não é sua companheira por ser inculta. Portanto, creio que cabe ao homem introduzir e guiar a mulher num núcleo culto, para que ela possa se tornar a sua companheira em todos os campos. E o homem, se ao casar-se não estiver com a personalidade formada, ou seja, com o espírito maduro, com o decorrer do tempo abandona o lar. E a mordacidade<sup>1</sup> da mulher reduz a força moral do homem, regredindo o seu valor.*

<sup>1</sup> Mordacidade — Crítica dura, áspera. Sarcasmo. Corrosivo. Sabor amargo. (<https://www.dicio.com.br>)



— *Eu não sou fútil. Imagina só se eu vou lhe desmoralizar, você que é meu tesouro! Que é a única coisa de valor que tenho no mundo. Apenas agradeço-lhe por você tratar-me bem. [...]*

*Pois é minha ilustre Virgínia. Eu ainda gosto de você, porque é boa dona de casa, boa espôsa e boa enfermeira, quando estou doente cuida de tudo com desvêlo. Porque tudo que custa dinheiro merece cuidado. Você não deu-me motivos para que eu lhe repreenda em nada. Em fim estou contente com você minha Virgínia divina. [...] Quando eu era pobre você contentava-se com o que podia lhe dar. Não exigia nada. Soube suportar heroicamente as agruras da vida. Percebendo que você era digna de melhor condição de melhor existência resolvi lutar. O que sempre admirei em você, é o saber ter paciência. (Jesus, 1963. p. 16 -17)*

Observamos que o Coronel Fagundes endeusa Dona Virgínia, sua esposa, pois a considera perfeita, do lar, recatada, divina, dedicada, cuidadosa, passiva, qualidades de servidão que agradam o coronel. Dona Virgínia era tudo o que um homem de ideologias patriarcais poderia desejar, afinal nunca desagradara o marido, pois era contente com sua vida de dependência e subordinação, talvez não soubesse viver se não fora assim.

*A feminilidade, de outro lado, designa uma forma de submissão feminina romantizada, que assinala a interiorização dos códigos estéticos masculinos. Assim, as mulheres devem adotar uma atitude submissa e não concorrencial quanto ao poder, sendo a fragilidade, a doçura, a resignação encarada como características femininas. A mulher deve ser sorridente, simpática, atenciosa, submissa, discreta, contida e, até mesmo, apagada, invisível. (Ribeiro, 2021, p. 17)*

A mulher não deveria opor ou contrariar o homem, a esposa ideal era vista como recatada, relegada somente ao lar. Em vista disso a submissão é um fator de dominação da figura masculina sobre a feminina, estabelecendo condutas e normas para a mulheres, que não devem serem transgredidas.

Dona Virgínia, por sua vez, criara a filha Maria Clara nesses moldes patriarcais, ensinando-lhe tudo o que havia de necessário para fazer da moça uma esposa exemplar. O Coronel fez questão de enviar Maria Clara para estudar em um convento, não com o objetivo de ser freira, mas com a meta de ser uma mulher culta, educada, de boas maneiras, prendada, para o futuro marido orgulhar-se.

O Coronel ao pensar em um esposo para Maria Clara, desejava um homem de bem: “Minha filha já completou dezoito anos e em breve há de aparecer um bom pretendente. Um homem honesto e compreensivo. Ninguém sofre ao lado de uma pessoa correta.” (Jesus, 1963, p. 18). A filha além de muito bela, foi educada para casar e ser uma exímia dona de casa, era rica, tinha um bom dote, e certamente ninguém ousaria magoar ou maltratar a filha do Coronel.

Carolina em seu romance retrata a sociedade da época, o Coronel era um pai cuidadoso, autoritário, mas mimou Maria Clara ao extremo, por vezes deixava-se envolver pelas vontades da filha e cobrava de Dona Virgínia, a mãe, a responsabilidade em cuidar da jovem. O amor, o nome e o zelo do Coronel afastavam as pessoas de Maria Clara, que se sentia sozinha, melancólica, queria ser cortejada pelos rapazes, afinal estava na idade de casar-se, e se preparou para isso, contudo, o fardo de ser filha de um homem como o Coronel, lhe diminuía a esperança de conhecer e se relacionar com pessoas que não a visse como a princesinha do coronel.

*[...] A filha do coronel era uma boneca de porcelana.*

*Quando alguém lhe convidava para uma festa é porque pretendiam pedir um favor a seu pae.*



*Bajulavam a filha para cativar o pae. Se tocava uma valsa era aplaudida. Ninguém lhe criticava. Não observavam seus atos. Na festa de formatura o único que dançou com ela foi o seu pai. Depois sentou-se e ficou olhando suas colegas dançar com seus pares prediletos.*

*O título de seu pae era uma muralha impedindo que alguém lhe aproximasse.*

*Quando lhe serviam bebidas serviam-lhe em primeiro lugar. Só nas preferências dos homens ela percebeu que não tinha classificação.*

*Os jovens lhes desprezavam.*

*Foi ficando ressentida interiormente. Mirava-se no espelho, procurando em si defeitos físicos. Não encontrava-os. Pensou: “porque é que sou preterida”?*

*Ouvia as filhas dos colonos falar dos namorados com tanto prazer, enaltecendo as carícias como se os homens fossem divindades.*

*Aquêle entusiasmo que elas demonstravam lhe deixava inquieta. (Jesus, 1963. p. 22)*

Maria Clara sentia-se inalcançável por ser filha do Coronel, as pessoas quando se aproximavam pareciam sempre ter interesse em receber alguma vantagem de seu pai, isso a magoava, invejava as filhas dos empregados da fazenda pois eram cortejadas, e ela, moça bem afeiçoada, prendada, estudada, de posses, sequer tinha pretendente. Na fazenda estava muito triste, o ambiente rural lhe fatigava muito, queria ver e conhecer pessoas, assim, observando a filha deprimida o pai resolve ir para a cidade com o objetivo de alegrar a filha, ela poderia se distrair, ir ao cinema, conhecer um bom rapaz.

A herdeira dos Fagundes, idealizava a relação homem X mulher, em seus devaneios criava suposições, se questionava sobre a importância de se ter um companheiro, suspirava imaginando como seria amar e ser amada:

*Maria Clara pensava: “O que será que tem o homem no pensamento de uma mulher. Será que o homem proporciona tanto prazer assim? A ponto de empolgar a razão? Quando o homem briga com a mulher, que choradeira! Quando agrada outra mulher, vem o ciúmes. Depois vem as discussões. Depois vem a luta corporal. Depois vem a interferência da dona lei. Depois vem a incompatibilidade. Depois vem a separação. Depois vem a dúvida, será que ele tem outra? Êle: Será que ela tem outra? Quando êle olha outro homem pensa: será êste o meu rival? E passam a espionar-se. E recomeçam os olhares e a namorar outra vez: reconciliam-se.”*

*[...] “Pelo que vejo a coisa de mas valor no mundo é o homem.” Como invejava as heroínas dos romances. Sabia que era pecado ter inveja. Mas ela não podia dominar-se. De uma coisa estava certa: sejam as pessoas ricas ou pobres desejavam alguém ao seu lado.*

*[...] Ela também era mulher e desejava ser amada, ser venerada. Ocupar um lugar de desataque no coração de um homem. Receber seus olhares de ternuras. Os seus afagos. Por mais que ela se esforçasse não era notada. [...] nunca recebeu os elogios de um homem. (Jesus, 1963. p. 23/24)*

Uma sonhadora, mas não devemos julgá-la, afinal, geralmente, as moças ricas, estudadas, cultas, do século XIX/XX, eram moldadas para serem boas esposas e assim perpetuar os padrões da sociedade patriarcal, idealizavam a figura masculina como sendo a própria felicidade, e as mulheres sem um homem ao lado, estariam fadadas a serem infelizes. Vale ressaltar que, os maridos eram selecionados pelos pais, e em sua maioria, os casamentos eram arranjados, por conveniência, quase sempre objetivando ganhos financeiros.



Embora o Coronel realizasse muitas vontades da filha, certamente o marido, mesmo que escolhido pela moça, deveria ser aprovado pelo pai. A máxima de “O que importa é a felicidade de minha filha”, na verdade era um discurso camuflado, por detrás estava o ego insuflado do pátrio poder que deveria se cumprir a qualquer custo.

Eis que Maria Clara, no portão da casa na cidade, uma das mais belas residências, conhece um rapaz, bonito, bem-vestido, que lhe chama a atenção, principalmente porque lhe dirige um olhar de admiração, puxa conversa, é cortês e galante, dizia tudo o que a moça sempre quisera ouvir de um homem.

*Cansou-se de ficar na janela, foi para o portão. Fitou o espaço. A sua vista foi elevando-se até pousar no centro do céu onde a lua estava parada. Quieta como se tivesse meditando. O sol ia reclinando-se com seus reflexos cor de ouro. As aves estavam fagueiras e percorriam o espaço. Umas em direção ao sul. Outras dirigiam para o norte, chilreando, demonstrando contentamento. O olhar de Maria Clara circundava indeciso, pousava ora aqui ora ali, sem fixar-se em nenhuma parte. Sobressaltou-se quando viu um jovem de 22 anos ou 24 anos fitando-a com seus olhos pretos ovais. Aquele olhar terno perturbou-a. Era a primeira vez que um homem lhe dirigia um olhar de admiração. O jovem aproximou-se e sorriu-lhe. Exibindo seus dentes nívios como pauta.*

— Boa tarde, senhorita.

— Boa tarde, cavalheiro, respondeu Maria Clara, emocionada com a quela atenção.

*O jovem parou e perguntou-lhe: — Podia dizer-me as horas?*

*Maria Clara fitou seu relógio de pulso e disse-lhe em voz trêmula: — Cinco para três.*

— Obrigado, êle respondeu-lhe sorrindo e disse-lhe: — Vou tomar nota desse horário, por ser um momento em que vi a jovem mais bonita dêsse mundo. Era a primeira vez que ela falava com um homem estranho, estava com receio de cometer alguma gaffe. Mas ficou contente quando ouviu a frase “ela era bonita”.

— O senhor de onde vem?

— Da Capital. É a primeira vez que visito o interior, confesso que estou apreciando a tua cidade tranquila e ridente... já estou fatigado da vida agitada da capital.

*[...] Aqui a vida desliza sem aborrecimentos. Maria Clara ouvia aquela voz suave e ritimada.*

*Tinha a impressão de estar ouvindo em anjo falar num recanto celeste.*

— Pois eu já estou farta desta vida apática. (Jesus, 1963. p. 27/28)

Uma cena narrada com muito romantismo, parece até conto de fadas, tudo o que Maria Clara mais desejava estava acontecendo, estava a ser vista e tratada como mulher por um homem. No primeiro diálogo já falavam com intimidade, o rapaz foi muito ousado, e a jovem não lhe impôs limites, pois o galanteador lhe falava e tratava-a como a jovem sempre desejara.

Inocência, ingenuidade, ou puro romantismo, a protagonista encantava-se cada vez mais pelo moço, até então desconhecido, mas isso não importava, pois parecia que já se relacionavam a tempos, mas sequer sabiam o nome um do outro. E parte da donzela saber como se chamava o possível príncipe encantado.

*Ela perguntou-lhe: — O teu nome, por favor.*

— Paulo Lemes.



— *Profissão?*

— *Sou destista. E o teu nome?*

— *Maria Clara.*

— *O teu nome combina com a tua côr. A senhorita é nívea, parece que nunca tomou sol; para mim a senhorita é igual a orquídea que não recebe os raios solares.*

— *Mas a orquídea é maravilhosa, comentou Maria Clara.*

— *E a senhorita também.*

*Maria Clara sorriu apreciando o exame que Paulo fêz de sua pessoa. [...]*

*Paulo prosseguia: — eu sempre apreciei dois nomes próprios nas pessoas, mas o teu é muito bonito. A senhorita sabe a origem do seu nome?*

— *Não sei. Quer explicar-me? Eu sou curiosa...*

— *Clara quer dizer: Branco, puro, esclarecido.*

*Ela sorriu e pousou seu olhar no rosto de Paulo, observando os traços fisionômicos; e perguntou-lhe: — O senhor tem gabinete dentário em São Paulo?*

*Paulo perturbou-se um pouco. Vacilou com a pergunta de Maria Clara.*

— *Eu trabalho numa Clínica. Ainda não consegui dinheiro para montar um gabinete dentário, o que é difícil é formar-se. (Jesus, 1963. p. 29)*

O diálogo fluía, Paulo era galante e falava tudo o que Maria Clara queria ouvir, o interesse da senhorita era explícito, preocupava-se com as palavras que usara, uma vez que estava a conversar com um doutor da capital, emocionada e realizada, essas eram as palavras que definiam a jovem. Paulo, também interessado na moça, a convida para um passeio, uma volta pelo jardim público, situado em frente à casa de Maria Clara.

Sem saber que o pai de Maria Clara era o Coronel que dava nome à praça, teceu comentários que chamaram a atenção da mocinha, teria o rapaz algo contra os ricos? Este, responde que não contra todos, apenas contra os Coronéis e Generais que enriqueceram no ofício, interferem na política, e não deixam um homem governar um país tranquilamente (Jesus, 1963. p. 33). A jovem demasiadamente feliz, continuou o passeio e convidou Paulo para se sentarem no banco de sua família, que estava ocupado, mas que logo ficou disponível ao reconhecerem a senhorita Fagundes, é o momento que Lemes é informado que Maria Clara era filha do Coronel Pedro Fagundes.

Paulo ficou apreensivo com o que falara dos militares e do próprio Coronel, mas Maria Clara não se preocupou com os comentários do moço galanteador, queria saber como era São Paulo, a cidade “Princesa do Brasil”, e ele sabiamente lhe responde:

— *A capital é digna de ser vista e não descrita. Algum dia há de conhecê-la.*

— *E quem irá levar-me?*

— *Eu ou outro qualquer que tiver a ventura de casar-se com você.*

— *Eu prefiro que seja você. Ouvi dizer que a mulher que se casar com um homem paulista é atilado. É nobre e sensato. Que são homens decentes. Que prezam a sua dignidade. Que tem noção de deveres. Que são*





*previdentes aprendendo um ofício. Quem nasce em São Paulo tem possibilidades de aprender um ofício, porque São Paulo é a capital da indústria. E todos encontram trabalho. Quem nasce em São Paulo nasce em um escrínio de ouro por ser bom elemento. Paulo mordida os lábios, as palavras de Maria Clara o incomodava.*

— *Oh! Muito obrigado pela boa impressão que você tem do homem paulista, sinto-me honrado, você transformou meu coração em seu escravo.*

*Maria Clara sorriu-lhe.*

— *É bom ter um escravo perpétuo.*

— *Mas ele vai ter uma sinhá carinhosa. O teu coração sendo meu escravo será amarrado em uma corrente de ouro. (Jesus, 1963. p. 35)*

Paulo astuciosamente, envolvera Maria Clara em um enredo “de amor à primeira vista”, a donzela que sonhara em casar-se, não poderia ser mais bem agraciada do que ser cortejada por um doutor da capital paulista, sua vontade de conhecer o amor de um homem, lhe cegou completamente, e no primeiro encontro acontece o primeiro beijo, e combinam um segundo encontro para o dia seguinte.

Maria Clara apaixonada, bastou um beijo e belas palavras para que a jovem já não imaginasse sua vida sem Paulo. Inocência ou desvario o que levara a mocinha a apegar-se tão rapidamente a um desconhecido? A dependência emocional extrema reforça a persistência da imposição dos valores patriarcais, a mulher estava fadada a ser submissa, que para ela era algo natural sair do poder pai e passar para o poder do marido.

*O coronel ao notar que a filha chegara em casa fora do horário habitual, solicita a Dona Virgínia que converse com a filha:*

*O coronel saiu de manhã e recomendou a esposa para interrogá-la e descobrir onde ela esteve até aquela hora.*

— *“Não admito que ninguém transvie a minha filha.” [...]*

*Dona Virgínia abriu a bôca várias vezes para interrogá-la, mas faltou-lhe coragem. Amava imensamente aquela filha e não queria magoá-la. Não ousava dar-lhe ordem. Ela era a princesa do lar. (Jesus, 1963. p. 39)*

Pai zeloso que era, figura representativa do patriarcado, não poderia perder as rédeas da família, precisava saber onde e com quem sua filha estava, mas este não perguntara diretamente a jovem, afinal a mãe era a responsável em cuidar dos filhos, principalmente das moças. A mãe com o intuito de não aborrecer a filha não teve coragem de questioná-la, mesmo recebendo ordens do marido para interpelar a moça, nunca havia passado por aquela situação, não sabia como agir, assim, deixando Maria Clara à vontade para suspirar pelo belo moço por quem estava enamorada.

Ao idealizar sua possível vida de casada com Paulo, Maria Clara mergulhava em um mundo de fantasias, onde tudo seria perfeito, nada a desagradaria, teria um enlace feliz, repleto de luxo, cercada por pessoas de destaque da sociedade. Como boa esposa, e mulher submissa, faria tudo pela felicidade do marido, entregaria a direção de sua vida a ele, que certamente corresponderia a seus anseios.

No horário marcado do encontro, Maria Clara, muito ansiosa, não disfarça sua alegria ao avistar Paulo, o Coronel, por sua vez, observara quem era o responsável por expressão tão contente da mocinha.

A princípio o pai de Maria Clara se tranquiliza pois o que despertara na filha tamanho entusiasmo, a ponto de ela ficar falando sozinha pela casa, era um rapaz, e não uma possível insanidade. Mas, logo surgiram outras



preocupações, quem seria o rapaz, ele seria digno da princesinha do coronel? Seria ele um bom marido? Afinal, um bom chefe de família não deixa que estranhos violem seu lar e perturbem sua paz.

Ao se encontrarem no jardim, Maria Clara diz a Paulo para se sentarem no banco de sua família, fazia questão do mesmo lugar do primeiro encontro, novamente o banco estava ocupado, e o rapaz sugere que sentem em outro lugar, mas a jovem reafirmou: “— Eu quero sentar-me neste banco” (Jesus, 1963. p. 41), os dois homens ao reconhecerem a filha do Coronel, levantam-se e deixam o espaço livre para o casal. Paulo ficou admirado:

*— Como êles te obedecem? As mulheres a quem os homens obedecem ficam petulantes e deixam de ser mulher. É bonito a mulher meiga e amável.*

*— Pretendo ser amável com você, sorriu Maria Clara fitando-o.*

*— Você parece uma ditadora, pois eu esperava uma discussão. Eu sendo um cavalheiro tinha que defender-te. Eu ia lutar com dois homens. Às vezes a luta com um homem já é funesta e ter que enfrentar uma dupla, não sei se ia levar vantagem ou desvantagem porque eu nunca lutei.*

*— Eles são empregados do meu pai. Tomam conta dos armazéns. [...]*

*Paulo parou de falar e ficou pensando. Maria Clara ficou constrangida.*

*Ela não sabia que os homens gostam de ser obedecidos... (Jesus, 1963. p. 42)*

No trecho, é evidente o machismo de Paulo, que critica a posição de Maria Clara ao impor sua vontade a dois homens, expressa de maneira direta sua predileção por mulheres “meigas” e “amáveis”, que podemos interpretar como sinônimos de “passivas” e “submissas”, chamando-a de “ditadora”, em outras palavras: mandona, petulante, inconveniente.

Paulo não esconde sua personalidade repleta de valores patriarcais, é a personagem masculina, que assim como o Coronel, representam neste romance a figura do preconceito ao gênero feminino, reforçando o estigma de que as mulheres devem sempre submeter-se aos homens, afinal, “os homens gostam de ser obedecidos”, contudo, Paulo se contem, pois podia constranger Maria Clara e até aborrecê-la, e assim a jovem poderia afastar-se, caso fosse contrariada, uma vez que este já percebera que a moça era cheia de vontades e privilégios.

O rapaz, ao seduzir a jovem, tentando manipulá-la desde o primeiro encontro, já se mostra interesseiro, o que se desdobrará nos próximos acontecimentos, quando já usando de chantagem emocional pede um empréstimo de dinheiro à moça atribuindo a isso sua permanência na cidade.

*— Amanhã vou partir! falou Paulo [...]*

*— Porque você quer partir?*

*— Porque não sou daqui e tenho meus negócios lá em São Paulo.*

*— Pode saber do que se trata?*

*— Pode, como não, respondeu Paulo delicadamente. É que eu deposito dinheiro no Banco Francês e o mesmo não tem filiais no interior. Só nas capitais. E eu estou com pouco dinheiro.*

*Maria Clara ouviu em silêncio e disse-lhe:*

*— Se é questão de dinheiro eu posso resolver. E você poderá ficar mais uns dias. A tua companhia agrada-me. [...] Você é doutor, há de ser um companheiro magnífico.*



— *E você tem dinheiro disponível que possa emprestar-me?*

— *Eu tenho a minha mesada que o papai me dá todos os meses. Mas, não gasto porque não saio de casa. Não viajo. Não tomo parte nas festas porque permaneço mais tempo na fazenda do que na cidade. A casa é bonita mas eu não gosto de viver nos prados. A única distração é o gorgueio das aves.*

— *Querida Maria ... feliz aquêle que tiver uma casa, em qualquer lugar do mundo. Sendo assim eu aceito porque...*

*Êle parou de falar.*

— *O que foi Dr. Paulo/ Cita-me o que te aflinge?*

— *Você mesclou-se na minha vida. E eu não admito que você sofra por minha casa aborrecimentos. Ei de deixar-te em paz. Se o teu pai souber que você me dá dinheiro, há de prender-me dizendo que estou prevalecendo da tua inocência. Que sou um oportunista. E um homem desclassificado encontra muitas dificuldades para viver neste mundo, pelo que vi aqui nesta cidade até as pedras curvam-se aos teus desejos já que você quer favorecer-me, desde já os meus agradecimentos.*

— *E você permanecerá aqui mais uns dias.*

— *Está bem minha querida, para te ser agradável, eu fico. Concordou Paulo, acariciando as mãozinhas de Maria Clara. (Jesus, 1963. p. 43/44)*

Paulo Lemes aos olhos de Maria Clara era o homem perfeito para desposá-la, falava tudo que a mocinha queria ouvir, galanteador, belo, um doutor, de São Paulo, o que mais a donzela poderia sonhar, desejar? E percebendo o interesse da jovem, o rapaz se aproveita da situação para conseguir algum dinheiro.

Não percebendo a manipulação, Maria Clara oferece dinheiro a Paulo, este para não parecer interesseiro e impressioná-la ainda mais, diz que não deveria aceitar, pois o coronel certamente não aprovaria essa atitude e poderia achá-lo um aproveitador, mas que o faria para poder ficar mais uns dias na cidade e desfrutar da companhia da moça.

A personagem de Paulo Lemes se mostra além de mau-caráter, um manobrista, que com suas doces palavras conduzia as ações de Maria Clara conforme lhe fosse conveniente. A protagonista, achava estar vivendo uma história de amor, e já planeja para o dia seguinte, além de dar o dinheiro ao enamorado, um passeio de trem para desfrutar um pouco mais da presença do jovem.

Os pais da adolescente, Dona Virgínia e o Coronel Fagundes, observavam da janela a filha de conversa com um rapaz desconhecido, a retornar para casa a questionam:

— *Quem é aquêle homem?*

*Perguntou Dna. Virgínia, enérgica e disposta a pôr um ponto final naqueles encontros.*

— *É de São Paulo! E quem é de São Paulo é importante! Quem nasce em São Paulo pôr força tem que ser um homem culto porque é uma cidade industrial. É um núcleo em que as pessoas vão crescendo e emancidando-se.*

— *Que profissão exerce êste homem?*

*Perguntou o coronel que estava com o jornal aberto mas prestava atenção nas palavras de Maria Clara.*



— *É dentista. Disse-me que estava saturado dos bulícios da cidade. Que a vida na Capital é muito agitada. Aproveitou as férias para conhecer o interior. (Jesus, 1963. p. 45)*

A adolescente apaixonada, responde orgulhosa à mãe, que o rapaz com quem estava no jardim a conversar era paulistano, e por ser de São Paulo era importante. O pai perguntou a profissão do moço, e a filha vaidosamente informa que era dentista, e estava de férias no interior.

Mesmo com as informações que recebera da filha, Dona Virgínia diz não simpatizar com o rapaz, e pede a filha que se afaste daquele homem advertindo-lhe: “— Lembre-se que nós temos possibilidades para desfazermos d’ê num segundo” (Jesus, 1963. p. 46). Na mesma hora, Maria Clara revida à fala da mãe: “— E eu também tenho possibilidades para eliminar a minha vida num segundo, posso atirar-me debaixo de um trem [...]” (Jesus, 1963. p. 46), como uma adolescente rebelde, a mocinha deixa a sala e vai para seu quarto, pensando em Paulo e nos beijos do casal, a jovem “Estava disposta a lutar. Fazer o possível para não perdê-lo” (Jesus, 1963. p. 46).

Maria Clara vivia o momento que sempre desejava, e se tivesse que optar entre a família e o rapaz, sua decisão já estava tomada, o amor por Paulo lhe dominou a razão. Ansiosa pelo passeio do dia seguinte, a moça não conseguiu dormir e logo que surgiram os primeiros raios de sol ela vai para cozinha organizar gostosuras para ela e o rapaz.

*Aquela intranquilidade interior impediu-lhe o sono. Quando o sol surgiu com seus raios coloridos galgando o cimo celeste Maria Clara estava no seu quarto preparando-se para sair com seu ídolo. Dirigiu-se à cozinha. Fêz bôlo, café com leite e pôs na garrafa térmica, garfos de sobremesa, refrescos e pôs dentro de uma sacola, pensando: “Agora eu vou me casar. É necessário ir habituando-me a trabalhar na cozinha.” (Jesus, 1963. p. 47)*

A jovem para além da realização do sonho de casar-se, também se demonstrava satisfeita com sua condição subalterna e submissa de mulher, servir ao marido, trabalhar em casa, especificamente na cozinha. Então, para além da figura patriarcal e opressora representada pelas personagens masculinas do Coronel Fagundes e de Paulo Lemes, temos a figura feminina oprimida, na personagem de Maria Clara, que expressamente apresenta contentamento com a possibilidade de ser desposada e assim servir ao marido com presteza. A obra *Explosão Feminista* de Hollanda (2018), ressalta a condição de submissão da mulher, conforme trecho a seguir:

*Como se fosse um direito natural, o poder é reservado aos homens em todos os níveis enquanto as mulheres sofrem sob estereótipos e idealizações também naturalizadas. [...] O ato de naturalizar corresponde a um procedimento moral e cognitivo que se torna hábito. Por meio dele, passamos a acreditar que as coisas são como são e não poderiam ser de outro modo. Nem poderiam ser questionadas. (Hollanda, 2018, p. 63)*

A naturalização do patriarcado persiste na sociedade desde os oitocentos, justificavam a autonomia e autoridade dos homens a partir de princípios biológicos e religiosos. A opressão sofrida pelas mulheres considerava que a figura feminina deveria aceitar o silenciamento e a subalternidade impostos sem questionar, e assim perpetuar a condição de invalidação do ser feminino em detrimento do masculino.

Por um longo tempo de nossa história, o casamento perdurou como principal atribuição destinada à figura feminina, como é representado em *Pedaços da Fome* (1963). Maria Clara retrata, conforme contexto da época, a função social da maioria das mulheres, cuidar do marido, do lar, dos filhos, uma vez que a maior realização feminina naquele período era o matrimônio. De acordo com Heleieth Saffioti:

*A felicidade pessoal da mulher, tal como era entendida, incluía necessariamente o casamento. Através dele é que se consolidava sua posição social e se garantia sua estabilidade ou prosperidade econômica. Isto equivale a dizer que, afora as que permaneciam solteiras e as que se dedicavam às atividades comerciais, as mulheres, dada sua incapacidade civil, levavam uma existência dependente de seus maridos. E a asserção*



*é válida quer se tomem as camadas ociosas, em que a mulher dependia economicamente do homem, quer se atente para as camadas laboriosas, nas quais a obediência da mulher ao marido era uma norma ditada pela tradição. Sob a capa de uma proteção que o homem deveria oferecer à mulher em virtude da fragilidade desta, aquele obtinha dela, ao mesmo tempo, a colaboração no trabalho e o comportamento submisso que as sociedades de família patriarcal sempre entenderam ser dever da mulher desenvolver em relação ao chefe da família. (Saffioti, 2013, p. 63).*

As mulheres estavam destinadas a casar, a realização pessoal estava condicionada à união matrimonial com um homem, esse de acordo com os preceitos patriarcais seria seu guardião e responsável em prover e zelar pela família. A esposa, por sua vez, mesmo que recebesse autorização do marido para trabalhar fora de casa, seria submissa e obediente, era seu dever servir ao esposo.

Descontinuar os vínculos entre a mulher e a ideia de subalternidade e inferioridade perante o gênero masculino, sem dúvidas, é um dos principais desafios da história das mulheres e do feminismo. O casamento, é um exemplo clássico, que pela cultura patriarcal, presume, a indispensabilidade de um homem para ser o chefe de família e só assim a mulher será completa e feliz. Dessa maneira, observa-se a “estrutura de dominação” social, assim como preconiza Bourdieu (2007), uma ordenação forçosa de grupos que se autodeclaram dominantes e que é experienciada por todos. Em vista disso, as atividades produtivas e reprodutivas, se baseariam em uma divisão sexual de trabalho e a materialização de dominação seria resultante do que Bourdieu (2007) compreende como processo de “violência simbólica”.

*Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (Bourdieu, 2007. p. 07–08).*

Conforme o autor, a violência simbólica em desfavor do gênero feminino acontece e se propaga de forma sutil. Para além das divisões do trabalho, onde em sua maioria os cargos de chefias e direções são exclusividades dos homens, podemos observar sua propagação no contexto particular das relações conjugais, onde a esposa seria a responsável pelas ocupações de casa: arrumar, lavar, cozinhar, etc., dedicando-se exclusivamente ao lar, ao esposo e à família, deixando de lado suas aspirações particulares, invisibilizando sua identidade e o desejo de autonomia e liberdade.

A mulher de acordo com os padrões da cultura patriarcal, muitas vezes é representada na literatura brasileira de maneira peculiar, a figura feminina parece ter absorvido os preceitos culturais que lhe foram impostos, os processos de dominação são naturais, e assim aceitos. As personagens mulheres parecem sempre necessitar da presença da figura masculina, ou seja, a personagem feminina não existiria, não se sustentaria sem a figura masculina. A “ideologia de gênero”, uma expressão de Lauretis (1994), indica a possibilidade em observar alguns padrões socioculturais pré-estabelecidos pelo gênero masculino e que são reafirmados culturalmente.

*A partir de um esboço completo da crítica do patriarcado, o pensamento feminista permanecerá amarrado aos termos do próprio patriarcado ocidental, contido na estrutura de uma oposição conceitual que está ‘desde sempre já’ inscrita naquilo que Fredric Jameson chamaria de ‘o inconsciente político’ dos discursos culturais dominantes e das ‘narrativas fundadoras’ que lhes são subjacentes — sejam elas biológicas, médicas, legais, filosóficas ou literárias — e assim tenderá a reproduzir-se, retextualizar-se (...) mesmo nas reescrituras feministas das narrativas culturais (Lauretis, 1994: 207).*

Em função disso, a sociedade parece cerceada das relações binárias nas quais as mulheres habitualmente desempenham papéis de subordinação em relação aos homens. A falta de consciência feminina ou de forma



inconsciente, levam as próprias mulheres a reproduzirem discursos baseados na opressão, submissão e dependência, considerando que a mulher apenas se realizará se estiver em uma relação com um homem.

É partindo dessa estrutura de dominação que determinados textos literários se propõem a contrariar os fundamentos patriarcais institucionalizados culturalmente em nossa sociedade, construindo personagens femininas que desafiam o sistema patriarcal tão arcaico, buscando assim, recuperar a identidade e o direito de ser sujeito, para ser senhora e responsável por suas escolhas, sem a necessidade de estar à sombra masculina, que lhe tolhe e limita seu espaço.

No texto literário, a construção de uma personagem feminina, a título de exemplo, pode apontar traços de uma “ideologia de gênero”, enfatizando condutas femininas que as inferiorizem, e dessa maneira reafirmar e naturalizar o discurso patriarcal de que o gênero feminino é dependente do masculino. Considerando as relações de gênero, compreendidas aqui de forma ampla, como sendo estruturas solidificadas culturalmente, as quais, muitas vezes sugere representar a existência de uma ordem hierárquica, expressando uma superioridade masculina sobre as mulheres, e dessa maneira perpetuar uma cultura de dominação.

De acordo com esse contexto, é interessante trazer para discussão as representações das mulheres na literatura de autoria feminina, em especial a escrita das mulheres negras, e observar se as figuras representadas nesses escritos corroboram as imagens, geralmente criadas pelo cânone eurocêntrico, que caracterizam as personagens femininas como passíveis e subordinadas. É significativo igualmente buscar nessa análise a percepção da consciência cultural, e assim, identificar se há ou não estranhamento nas projeções de distinção em reconhecer, como o objetivo de validar os modos como a mulher é vista e descrita, como “sujeito” na sociedade.

Então, propomos observar que a protagonista de *Pedaços de Fome*, 1963, Maria Clara, vê com naturalidade a opressão patriarcal de gênero, mostrando contentamento com a vida de submissão que lhe estava reservada após o tão sonhado casamento.

Casamento que ocorrera às pressas, conforme vontade e imposição do Coronel, uma vez que esse temia pela honra da filha e pela integridade de sua moral, pois a moça saiu para passear de trem com o rapaz sem avisar seus pais, pois certamente não teria permissão para tal, logo, “em um minuto a notícia circulou, que Maria Clara havia fugido com um homem desconhecido e que o delegado foi buscá-la” (Jesus, 1963. p. 51). Após a intervenção do delegado, os jovens ficam frente a frente com o Coronel.

*Maria Clara ficou admirada quando chegaram em casa e encontraram um verdadeiro pandemônio. Pensou consigo, com olhar extasiado: — Que confusão, meu Deus! — Em pouco tempo chegou o padre e o juiz.*

*Maria Clara olhou Paulo, que havia ficado parado na porta indeciso e trêmulo, ladeado pelo delegado, até que o Coronel asseverou: — vão entrando!, e a voz enérgica avolumou-se dentro do cérebro de Paulo.*

*O delegado alterou sua voz e disse mansamente:*

*— Senhor Coronel, aqui está o homem! [...] O Coronel examinava Paulo de todos os ângulos como se estivesse examinando um objeto antes de comprá-lo. Paulo sentia as pernas tremer e um calafrio a percorrer-lhe o corpo. Depois sentiu frio. Tinha a impressão que estava dentro de uma geladeira ou um “iceberg”. Outrora tinha a impressão que estava dentro de um forno de uma padaria. [...] Paulo ergueu os olhos e enfrentou o olhar rígido que o Coronel lhe dirigia. O Coronel lhe perguntou com ironia:*

*— Quer dizer que o senhor é de São Paulo? E resolveu vir ao interior demonstrar suas proezas e perturbar minha tranquilidade. A minha filha disse-me que o senhor é dentista, que é um doutor. Mas a tua atitude prova o contrário. [...]*



— *O senhor veio perturbar a paz do meu lar! E comprometeu o nome de minha filha! A minha vontade é de acertarmos êste negócio de outra forma. Por mim eu te quebraria os ossos até que coubesse dentro de uma caixa de fósforos e o senhor não perturbava mais ninguém nesse mundo! [...]*

— *Pois, bem continuou o Coronel, o senhor vai casar com minha filha, vai ser genro do Coronel Pedro Fagundes. [...]* (Jesus, 1963. p. 51–53)

A personagem do Coronel para reafirmar os valores patriarcais, usa de todo seu poder e influência para encontrar Maria Clara e Paulo Lemes, considerando sua autoridade de pai e de patente, determina que o moço vai casar-se com a jovem. Usando de muita ironia, o Coronel expõe sua raiva e ao mesmo tempo tenta intimidar o futuro genro, explicitando que como sogro estará sempre a vigiar os passos do rapaz, para que este seja um bom marido.

As ameaças de Pedro Fagundes deixavam Paulo, que apenas ouvia, apreensivo. E quando o paulistano decide se pronunciar, é retrucado rispidamente pelo coronel:

*Paulo decidiu falar para certificar-se se a voz ainda existia, porque o coronel lhe atemorizava.*

— *Eu estava disposto a me casar com ela. Não previa estas ocorrências. O que é precipitado não é certo.*

— *Isto eu sei. O pior de tudo isto é que nós não lhe conhecemos. Não sei se você é um homem porque há milhares de homens que são homens no físico e verdadeiros biltres. Há certos tipos de homens piores que as meretrizes. E há os mentirosos. O mentiroso não tem noção de prevê o que a mentira acarreta. Eu classifico a mentira como um furacão. Eu deixo de falar com um mentiroso.*

[...] — *Vamos realizar a cerimônia! [...]*

*Quando terminou a cerimônia, Paulo impediu o Coronel de pagar. Deixe que eu pago, Senhor Coronel. — E retirou a carteira com duas cédulas de mil cruzeiros...*

*O Coronel observava o gesto de Paulo. Disse-lhe — Você está demonstrando que não é um tipo desprezível porque tem dinheiro para gastar nas horas difíceis da nossa vida. (Jesus, 1963. p. 54–55)*

Neste excerto do romance temos o confronto das duas figuras masculinas, Coronel Pedro Fagundes e Paulo Lemes, que em nossa análise, representam o patriarcado, e por conseguinte representam a materialização da opressão de gênero, a principal figura reprimida por estes é a protagonista Maria Clara, que é filha do Coronel e se torna esposa de Lemes. Os opressores em seu primeiro encontro entram em embate, Paulo mesmo amedrontado pela postura autoritária e tirana de seu futuro sogro, procura demonstrar que é “homem” e que não deixaria dominar-se pelo ditador.

Para tentar se desvencilhar do espezinamento do Coronel, o paulistano com muita soberba, faz questão de pagar o casamento, na tentativa de manter uma postura honrada perante aqueles que estavam no local, o Coronel, o padre, o escrívão, Dona Virgínia e Maria Clara, atitude responsável que recebe o reconhecimento de Pedro Fagundes, porém sem muita credibilidade. Contudo, o dinheiro que usara para efetuar aquela quitação era do próprio coronel, era parte do “empréstimo” que a jovem enamorada tinha disponibilizado ao rapaz, a todo custo, Paulo queria manter as aparências de homem íntegro, mas a máscara não se sustentaria por muito tempo.

Para não perder tempo, o jovem vigarista, ao ficar a sós com a esposa já indica que será um marido dominador, e logo lhe ordena: “— Vai preparar suas roupas porque hoje mesmo vamos para São Paulo. Mas leve tudo o que é teu. Você promete ser boazinha para mim, obedecer a todos os meus desejos?” (Jesus, 1963. p. 56), Maria Clara, feliz da vida com o casamento, responde de forma suave e cativa: “— Prometo, meu ilustre esposo.”, mostrando que estava pronta para ser uma boa esposa.



Paulo pretendia deixar a casa do Coronel o mais rápido possível, antes que o sogro descobrisse que o rapaz era um mentiroso, pobre e de má índole, mas Pedro Fagundes, mais uma vez com sua empáfia tenta demonstrar poder e diz não permitir a partida do genro, muito menos levando Maria Clara.

— *O senhor não pode ir deixando minha casa sem mais e nem menos, eu não creio nessa história de Dentista. Amanhã eu vou chamar um dentista para discutir odontologia. Se o senhor provar conhecimentos odontológicos e ficar provado que estudou, aí eu lhe entrego a minha filha. Eu sou como São Tomé, quero ver para crer. Não vou consentir que ela sem experiência da vida vá lhe acompanhar.*

[...] *preciso ver se êste homem tem possibilidades para proporcionar-lhe o confôrto de que você está habituada. A minha filha não conhece preocupações. Eu sempre fui o cérebro pensante na minha casa. (Jesus, 1963. p. 58–59)*

O Coronel casara a filha para preservar a imagem da família, porém, tinha suas desconfianças para com o rapaz que desposara Maria Clara, temos mais um enfrentamento entre as personagens que representam na narrativa a sociedade patriarcal. O fazendeiro queria certificar-se que estava entregando a filha a um homem digno, e que pudesse proporcionar-lhe o conforto e as mordomias que a jovem sempre tivera ao viver sobre a responsabilidade do pai.

Pedro Fagundes e Paulo Lemes parecem disputar quem tem maior poder sobre a protagonista:

[...] *Maria Clara convidou Paulo para ir ver a casa.*

— *Vou mostrar-lhe tôdas dependências.*

*O coronel com voz forte impediu-lhe.*

— *Hoje não! Só depois que ele provar que é dentista. Vou mandar meu advogado, em São Paulo, averiguar que espécie de homem é o senhor, sua categoria social. Não posso dar liberdade a um estranho na minha casa. Não sei se êle é um ladrão!*

[...] — *Mas papai, êle agora é da família!*

— *Não defenda-o. Nem você, nem eu, conhecemos êste homem. **Minha filha**, êste homem é de São Paulo, uma cidade grande. E lá existe homens que tem aparência de santo e são verdadeiros demônios. São as pragas das grandes cidades. É contra os desconhecidos que devemos precaver-nos.*

[...] *Paulo se viu aliviado quando viu o coronel desaparecer no interior da casa.*

*Paulo se viu a sós com a **sua** linda espôsa. Correu para junto dela e beijou-a carinhosamente. [...] O teu pai não tem o direito de interferir-se na nossa vida. **Você pertence-me!** (Jesus, 1963. p. 59–60) [grifos meus]*

A rivalidade por exercer o pátrio poder sobre Maria Clara é evidente, ambas as personagens, na figura de pai e marido, intitulam-se detentor de posse sobre a figura feminina da jovem. Carolina Maria de Jesus reforça essa ideia de posse masculina utilizando-se das expressões possessivas: *Minha filha* (por parte do Coronel), e *Você pertence-me!* (por parte de Paulo), as falas também apontam para a condição de submissão feminina, uma vez que a moça acata as ordens recebidas, tanto do pai quanto do marido, de maneira passiva, objetificando-se, aceitando assim a condição de inferioridade frente às figuras masculinas.

Com a realização do casamento, Paulo, ao se tornar marido de Maria Clara, também se sente dono da jovem, e passa a ser na narrativa a principal figura opressora da moça, este será o responsável por todas as tribulações e privações





que acontecerão na saga da protagonista após a mudança repentina para a capital. O marido ordena que a esposa deixe a casa do pai em sua companhia:

— *Maria! Prepara as tuas malas e vamos embora hoje mesmo!*

[...] — *Oh Paulo. Não posso! Não devo fazer isto!*

— *Está bem, já que você não quer acompanhar-me, fique e eu vou sozinho. E você nunca mais há de ver-me!*

[...] *Oh! Paulo o homem quando casa deve ser um pilar na vida de uma mulher.*

— *Está bem, Maria. Você fica. Eu vou-me embora! Aqui dentro dessa casa é que eu não fico! Você aqui tem tudo. E eu não tenho nada. Nem tranquilidade, nem liberdade! Quem é que você prefere... eu, ou teu pai? (Jesus, 1963. p. 61–62)*

Paulo, uma das personagens que figura como representante do patriarcado, além de valer-se da condição de marido e ordenar-lhe que a esposa partisse com ele, também apresenta sua face opressora, e chantageia emocionalmente a jovem, levando a mocinha a abandonar seu lar e sua família: “— Está claro que é você, meu doce amor!” (Jesus, 1963. p. 62). A fuga do casal para São Paulo, durante a madrugada, foi arquitetada por Paulo Lemes e aceita por Maria Clara, a jovem para não desagradar o marido concorda em sair às escondidas.

Lemes explica o plano de escapada à esposa, e aproveita o ensejo para expor o que pensa sobre o sogro, critica duramente o Coronel chamando-o de tradicionalista, dominador e prepotente, Paulo se autodenomina superior ao pai de Maria Clara, reafirma seu orgulho e o alívio de ter deixado a casa de Pedro Fagundes. Comemora como se fosse uma vitória e o troféu era a esposa, a mocinha agora era só dele.

O jovem casal estava a caminho da capital, ao chegarem em São Paulo Maria Clara se encanta com a cidade e como muita curiosidade enche o marido de perguntas, o qual sem nenhuma paciência é ríspido com moça.

*Ao meio dia, Maria Clara e Paulo chegaram em São Paulo. Ela fitava a cidade admirando-a:*

— *Que deslumbramento! Que monumentos empolgantes!*

*Ao chegar na praça da Sé, Paulo despediu o motorista.*

— *Que praça maravilhosa!*

*Paulo disse:*

— *É aqui que vamos residir.*

— *Há facilidade para encontrar criada?*

*Paulo fingia não ouvir as perguntas de sua esposa. Tomou outro taxi e colocou as trouxas no porta mala. E mandou tocar para Guarulhos.*

[...] *Paulo, para onde vamos?*

— *Puxa, como você é cacete! Espere e verá.*

— *Oh! Paulo! Eu não estou habituada com respostas ríspidas.*



— *Sim. Sim. Dna Maria Clara Fagundes, eu percebi. No jardim, com aqueles infelizes que estavam sentados no teu banco. Você tem a mesma mania de pretensão do teu pai. Está claro. Filha de cangaceiro aprende a matar. Ficam impiedosos. Você deve estar habituada a dirigir ofensas aos outros. Vocês ricos vivem bajulando-se. Um rico não gosta de inimizar-se com outro rico, mas nós os pobres vocês não consideram. Vocês é quem predominam e selecionam as classes. Só porque podem frequentar os melhores teatros e os pobres vocês classificam de gente humilde... e existe cada quadrúpede rico!*

— *Oh! Paulo, você magoa-me! Por que é que você disse-me “Maria Clara Fagundes”?*

— *Porque eu tenho certeza que você não vai ter prazer de usar o meu nome. (Jesus, 1963. p. 70)*

A chegada a São Paulo e a transformação de Paulo Lemes, esses dois pontos da trama apontam para as drásticas mudanças que iriam acontecer na vida de Maria Clara, a protagonista não fazia ideia dos rumos que sua vida tomaria. O romance nesse momento muda de espaço, do interior para a capital, o bom moço mostra sua verdadeira face, a opressão de gênero na relação matrimonial se intensifica, e a jovem passará por experiências que demarcam também as temáticas de classe e raça, tratando de forma verossímil questões sociais como a miséria e a fome.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carolina Maria de Jesus contraria todas as regras de seu tempo, era mulher, preta, pobre, semianalfabeta, mãe solteira, catadora de papel, que se tornou favelada, e escritora da realidade, como afirmou Clarice Lispector, e por isso talvez tenha sido preterida pelas editoras e leitores de seu tempo.

Carolina Maria de Jesus não escreveu apenas diários, escreveu poemas, romances, provérbios, peças teatrais, letras de música, etc., uma diversidade de gênero que apontam para a grandiosidade dessa escritora.

Os escritos de Carolina não são aleatórios, ao observamos a produção escrita publicada e ao tomarmos conhecimento da existência de um vasto acervo ainda inédito, percebemos a reafirmação do compromisso da autora para com a literatura, afinal o seu sonho era ser escritora.

*Pedaços da Fome* (1963), é uma narrativa com profundas questões para debates sobre gênero, raça e classe. Consideramos enfatizar às personagens do coronel Pedro Fagundes (pai da protagonista) e de Paulo Lemes (marido da protagonista) para observar questões do patriarcado e da opressão de gênero, constatando que a protagonista Maria Clara é a figura que mais padece com o autoritarismo e machismo de ambos.

Dessa maneira, Carolina Maria de Jesus, em seu romance *Pedaços da Fome* (1963), nos permite considerar a reafirmação de seu projeto literário, que para além das denúncias das mazelas sociais, figura dar voz aos silenciados de nossa história. Uma obra que merece ser divulgada e revisitada por seu valor histórico, sociológico e literário, é preciso ecoarmos a voz de Carolina Maria de Jesus para que esta não seja mais preterida pela historiografia literária brasileira, e nem diminuída apenas a escritora de diários.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arruda, A.A. (2015). *Carolina Maria de Jesus: projeto literário e edição crítica de um romance inédito* (Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais).

Bourdieu, P. (2007). *A dominação masculina* (5.ª ed.). Bertrand Brasil.

Fernandez, R. (2015). *Processo Criativo nos Manuscritos do Espólio Literário de Carolina Maria De Jesus* (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas — UNICAMP).



Gonzalez, L. (2011). *Por um feminismo afro-latino*. In *Caderno de formação política do círculo Palmarino* (1, pp. 12–21). Batalha de Ideias.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod\\_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf)

Hollanda, H. B. de (Ed.). (2018). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade* (2.ª ed.). Companhia das Letras.

Jesus, C. M. de. (1963). *Pedaços da fome*. Águila Ltda.

Lauretis, T. de. (1994). A tecnologia do gênero. In H. B. Hollanda (Ed.), *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rocco.

Perrot, M. (2017). *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (7.ª ed.). Paz e Terra.

Ribeiro, R. D. (2021). *Feminismo: O que as feministas querem* (1.ª ed.). Feminismo Literário.

Saffioti, H. I. B. (2004). *Gênero, patriarcado, violência*. Editora Fundação Perseu Abramo.

Saffioti, H. I. B. (2013). *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Expressão Popular.

#### DECLARAÇÃO ÉTICA

**CONFLITO DE INTERESSE:** Nada a declarar. **FINANCIAMENTO:** Nada a declarar. **REVISÃO POR PARES:** Dupla revisão anônima por pares.



Todo o conteúdo do NAUS — REVISTA LUSÓFONA DE ESTUDOS CULTURAIS E COMUNICACIONAIS é licenciado sob Creative Commons, a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.